

DIÁRIO DE VIAGEM

AS JUDIARIAS DO DESTERRO

Texto: David F. Sánchez

Fotografías: Beatriz De Lucas Luengo



CAMINHOS DE
SEFARAD
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

#DescubreSefarad

WWW.REDJUDERIAS.ORG

DIÁRIO DE VIAGEM

AS JUDIARIAS DO DESTERRO



David F. Sánchez

David Fernández Sánchez é licenciado em Jornalismo pela Universidade Complutense de Madrid e há 10 anos que desenvolve o seu trabalho em meios especializados em viagens e cultura. Durante este período, David Fernández viajou por numerosos países, sobretudo na América e na Europa. Entre os destinos visitados mais recentes encontram-se a Colômbia e Israel.

Embora nas suas reportagens e artigos Fernández aborde todos os aspetos relacionados com a viagem, é considerado uma das vozes mais experientes de Espanha no que se relaciona ao impacto económico do turismo na sociedade. A este respeito, cabe assinalar, entre os seus últimos trabalhos, os relativos à precariedade laboral na indústria hoteleira e o impacto das tendências low cost na qualidade dos serviços de transporte aéreo.

Fundador do portal Revista80dias.es, um meio pioneiro em informação turística digital, Fernández colaborou para várias publicações espanholas, como a revista Lonely Planet, o suplemento Viajar do jornal La Vanguardia, ou Qué Fem?. Entre os seus projetos profissionais mais recentes destaca-se a cofundação da Meraki TV, canal de televisão digital centrado na divulgação da viagem e da cultura através de reportagens em vídeo especialmente concebidas para plataformas online e redes sociais.

Texto: David F. Sánchez

Fotografias: Beatriz De Lucas Luengo

O furacão do tempo e da incompreensão apagou os seus vestígios. A mesma ventania que nos empurra pelas terras de Sória até Calahorra, Tudela, Estella e Tarazona. Saímos de Madrid para tentar compreender. Ao percorrermos a velha estrada que nos levará a La Rioja através de Enciso, uma pergunta vem-nos à mente: o que resta dos judeus de Sefarad, uma população que chegou a alcançar as 250.000 pessoas?

Diário de Viagem. As judiarias do desterro.

Edita: Red de Juderías de España. Plaza de Maimónides, s/n. 14004 Córdoba (España), www.redjuderias.org.

Todos os direitos reservados.



CALAHORRA

Sefarad: a terra onde os judeus hispânicos viveram em prosperidade, “um paraíso perdido”, diz María Concepción Cordón, guia da Red de Juderías, que nos recebe na capital das verduras de La Rioja. Embora seja também a terra do sofrimento, da expulsão. Dependendo do período que estudemos, os judeus viveram melhor ou pior. Asunción Blasco, uma medievalista da Universidade de Saragoça, considera que com o termo Sefarad os judeus referiam-se ao “extremo mais ocidental do mundo conhecido, ou seja, a entidade geográfica formada pela Península Ibérica e as Ilhas Baleares”.

Inciamos a visita na Praça del Raso de Calahorra e dirigimo-nos à Praça del Doctor García Antoñanzas, o início da aljama judaica. Cordón avisa-nos que do bairro hebraico apenas sobrevivem o traçado e alguns documentos históricos no arquivo municipal. É necessário puxar pela memória para procurar as origens dos vestígios judaicos na Península, que alguns estudiosos situam tão longe como o Império Romano. Parece claro porque é que os judeus chegaram ao norte da Península: os desterrados de Al-Andaluz e a pressão dos conquistadores árabes forçaram muitos judeus a mudarem-se para os reinos cristãos do norte.

Durante o califado omíada e os reinos posteriores de taifas, o amo muçulmano tolerou de muito bom grado os judeus. Mas depois vieram os almorávidas e os almóadas, e a sua intransigência para com o diferente obrigou os sefarditas a abandonar os territórios que os tinham visto florescer. Assim, o judeu foi uma moeda de troca para uns e outros, cristãos e muçulmanos, que disputavam a velha Espanha. Espanha não existia nem era esperada.



Na cidade de La Rioja, boa parte da população sefardita, cerca de 600 almas no século XIII, possuía terras ou dedicava-se a diferentes ofícios em oficinas ou nos curtumes.



A nossa guia leva-nos à Igreja de San Francisco, em cujo lugar existiu um templo moçárabe dedicado ao Salvador, muito perto de onde se situava a sinagoga, destruída após a expulsão de 1492, na rua Dean Palacios. Sabe-se da existência de um edifício por referências documentais, porque Calahorra ainda não se envolveu totalmente na escavação arqueológica; questão difícil numa zona da cidade que continua habitada, embora agora por uma população maioritariamente muçulmana.

E assim, as ruas da Catedral, Murallas, Cabezo e de los Sastres (onde estava a porta da aljama) encerram numa praça a antiga judiaria de Calahorra, através da qual María Concepción Cordón vai debulhando outros detalhes dos seus habitantes. Na cidade de La Rioja, boa parte da população sefardita, cerca de 600 almas no século XIII, possuía terras ou dedicava-se a diferentes ofícios em oficinas ou nos curtumes. Havia comerciantes, sem dúvida, mas a opinião generalizada de que não existiam judeus pobres e que todos eles se dedicavam ao câmbio é apenas mais um cliché daqueles que gostam de reduzir a realidade a gotas de água que se perdem na torrente da história.

Saímos do bairro judeu a pensar que mudaram coisas no passar dos séculos, mas certas afirmações fáceis, nascidas mais da lenda do que da verdade histórica, não evoluíram tanto. Faz-se tarde, ainda não desfizemos a mala no Parador de Calahorra e amanhã espera-nos Estella, na Navarra próxima.



ESTELLA LIZARRA

No sentido oposto à sua corrente, o rio Ega leva-nos a Estella, uma cidade de Navarra nascida no calor do Caminho de Santiago, desenhada por Sancho o Grande no reino de Pamplona-Nájera.

Arqueólogo Mikel Ramos espera em frente à Igreja de San Pedro de la Rúa para levar-nos pela mão pelos lugares onde se estabeleciam os sefarditas de Estella. Tal como em Calahorra, os restos da aljama hebraica não estão visíveis, mas sim enterrados. Já há notícias dos judeus de Estella em 1135, quando Sancho o Batalhador cedeu aos nobres deste concelho a antiga judiaria, conhecida como El Gacena. Não se sabe muito bem onde ficava este bairro, mas Ramos, que dirigiu escavações nalguns pontos da cidade, situa-a mesmo sobre a Igreja do Santo Sepulcro, que podemos admirar na rua Curtidores. Uma lenda conta que obrigaram os judeus a construir este templo, mas Mikel Ramos desmente-a.

Embora a extensão da aljama velha de Estella não seja conhecida, algumas investigações descobriram detalhes concretos de até onde podiam chegar os seus limites. Por exemplo, sob a atual Igreja de Santa María Jus del Castillo encontra-se a sinagoga. E ao sul deste templo, foram encontradas várias casas da judiaria. Parte dos seus muros encontram-se ao ar livre, mas não se podem ver muitos detalhes.

Os estudos arqueológicos confirmam que as casas da aljama foram construídas com o mesmo adobe que o resto da Estella cristã, pelo que não há elementos característicos que a definam: apesar das diferenças religiosas, as necessidades mundanas das pessoas eram, e são, as mesmas. Desta judiaria, os seus moradores mudaram-se para a nova, que foi construída aos pés do Castelo de Belmecher (junto ao de Lizarrar, um dos dois castelos de Estella).

A aljama nova foi a terceira mais importante de toda a Navarra, atrás das de Pamplona e Tudela. Aqui se estabeleceram umas 450 pessoas que deviam ter uma certa capacidade económica, já que a judiaria de Estella contribuía com 10% dos impostos da coroa de Navarra no século XIII. O seu poder económico como comunidade e a sua relação com o poder eram outras características dos judeus hispânicos, conseguidas em parte pela força e em parte pela necessidade. A força porque, (...) A necessidade de conservar a sua cultura e instituições potenciou a sua relação com o poder, em cujos círculos procuraram a proteção necessária.



A Igreja Católica preocupou-se muito para que se proibissem os hebreus de trabalhar a terra (para que não possuíssem terrenos), o que os empurrou para o artesanato, o comércio ou as finanças.



Apesar disso, os judeus de Estella não se livraram das perseguições que eram comuns no século XIV e que mostram as tensões de convivência entre as diferentes confissões. Em 1328, o vazio de poder no trono de Navarra fez com que nobres e clérigos arruinados assaltassem a judiaria para destruir as cartas de crédito pelos empréstimos que deviam. Muitas famílias judias mudaram-se para outras povoações próximas. As perseguições e as proibições apoiam a teoria da maioria dos historiadores: mais do que convivência, cristãos e judeus coexistiam com relativa calma em espaços comuns. Na Península durante o primeiro período medieval, os reis cristãos repovoaram as fronteiras com judeus porque as suas mortes às mãos de invasores muçulmanos eram consideradas menos escandalosas.

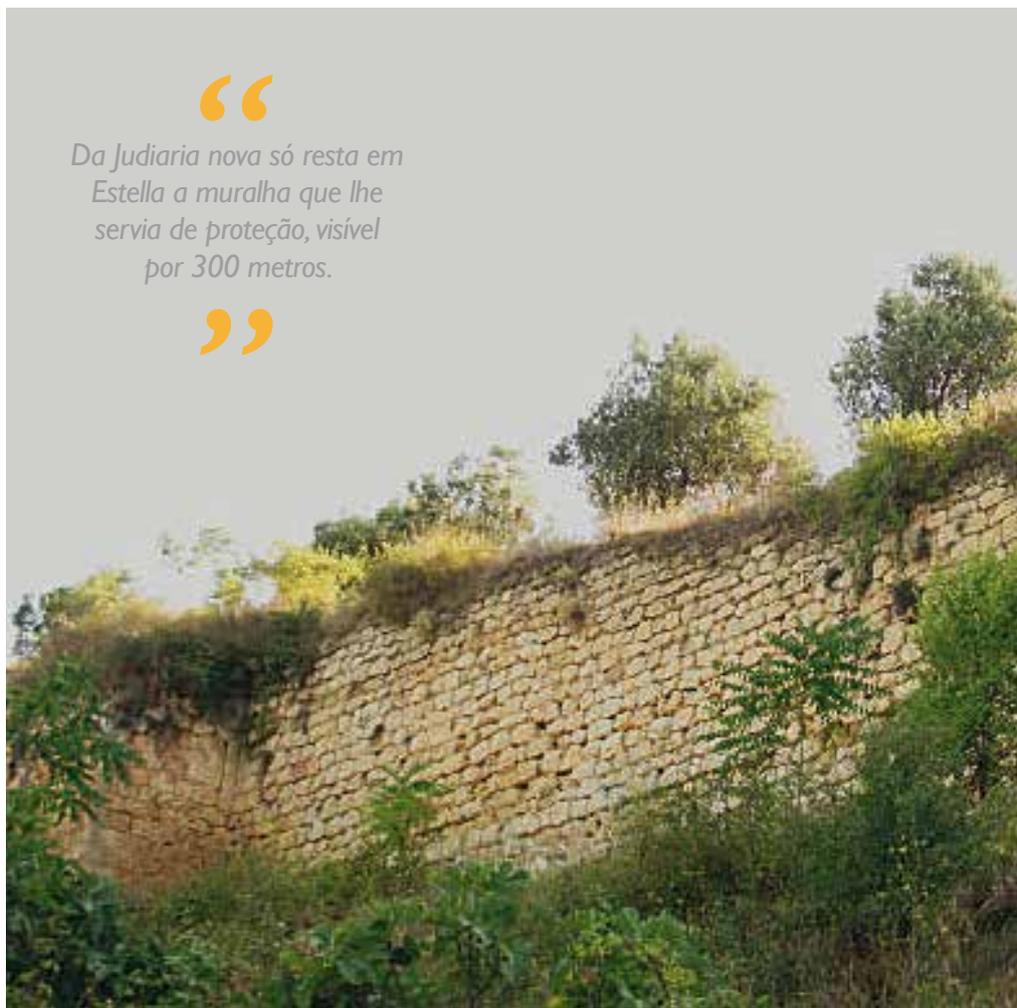
Mikel Ramos recorda-nos também que no Reino de Navarra não houve decreto de expulsão dos judeus, mas que os Reis Católicos pressionaram o suficiente para que em 1498 os sefarditas se vissem obrigados a recolher os seus pertences e partissem para o exílio. Da Judiaria nova só resta em Estella a muralha que lhe servia de proteção, visível por 300 metros, na colina acima da Rua Curtidores.

Despedimo-nos de Mikel, pois em Calahorra espera-nos um jantar sefardita no Hotel Ciudad de Calahorra. Neste alojamento familiar, gerido por Mercedes Virto, o guisado sefardita, Sefaradí como é chamado em Ladino, é cozinhado de acordo com as regras de Kashrut (do correto). Este prato é a origem de muitas receitas espanholas tradicionais, tais como o cozido, que vem da adafina hebraica. Deliciamo-nos com estas iguarias e deixamo-nos levar pela conversa animada.

“

Da Judiaria nova só resta em Estella a muralha que lhe servia de proteção, visível por 300 metros.

”





TUDELA

De Calahorra, partimos para Tudela, a fértil vila banhada pelo rio Ebro, fundada pelos muçulmanos no século IX. Com eles vieram os judeus, pela necessidade de artesãos, alguns procedentes de Tarazona (Aragão), a nossa última paragem nesta viagem.

A judiaria antiga de Tudela estendia-se entre as atuais ruas de Benjamín de Tudela, Praça de la Judería, Hortelanos e Fuente del Obispo, muito perto da Praça de los Fueros, epicentro da vida social de Tudela. Embora as casas atuais desta zona nada tenham a ver com as originais, o traçado intrincado e a estreiteza das suas ruas devolvem-nos a imagem de como devia ser a judiaria original.



Em 1170, o Rei Sancho VI o Sábio decretou a transferência dos judeus para uma das encostas do castelo.



Neste bairro chegaram a existir até três sinagogas, uma delas junto ao muro da Catedral de Tudela, curiosa pela mistura de estilos da sua fachada. No entanto, em 1170, o Rei Sancho VI o Sábio decretou a transferência dos judeus para uma das encostas do castelo. A nova aljama é fundada, de cuja custódia e reparações se encarregaram os seus habitantes em troca de certos privilégios. Os investigadores localizaram a nova judiaria em redor da atual rua Paseo del Castillo.



A aljama de Tudela foi uma das mais importantes do norte da Península. Os seus 600 habitantes eram regidos pelo Foral de Nájera, um conjunto de prerrogativas concedidas por Alfonso o Batalhador em 1119.



A aljama de Tudela foi uma das mais importantes do norte da Península. Os seus 600 habitantes eram regidos pelo Foral de Nájera, um conjunto de prerrogativas concedidas por Alfonso o Batalhador em 1119 e que garantiam as suas instituições. A judiaria era governada por um corpo de 20 membros de famílias importantes, entre as quais se destacavam os Orabuena, os Menir e os Falaquera. Entre as figuras de renome que partiram da judiaria de Tudela destaca-se Benjamín de Tudela, um proto jornalista que, após a sua viagem pela Europa e Oriente Próximo, escreveu o “Livro de Viagens” no qual descreve as suas andanças por Constantinopla, Jerusalém, Bagdad ou Roma, pensando, sobretudo, noutros viajantes judeus com interesses comerciais.



A história desta aljama hebraica de Tudela culminou com a expulsão dos seus moradores em 1498, embora muitos se tenham convertido ao cristianismo.



TARAZONA

Chegamos ao fim da nossa viagem pela mão de outro nativo de Tudela: Sem Tob Ibn Saprut. Nasceu em 1340 e em 1378 mudou-se para a judiaria de Tarazona, uma das principais do reino de Aragão. Saprut foi famoso por intervir na Disputa de Pamplona, uma discussão teológica entre cristãos e judeus na qual defendeu as suas posições Talmúdicas perante o futuro Papa Bento XIII (Pedro de Luna).

O centro histórico de Tarazona ergue-se sobre o rio Queiles quase tanto como Cuenca o faz sobre o Júcar. E, para encontrar outra semelhança entre a capital de La Mancha e a cidade aragonesa, Tarazona também tem as suas próprias “casas suspensas”.



“A judiaria velha de Tarazona estende-se entre as atuais ruas de Los Aires, Judería (onde se encontram as casas suspensas), Rúa Alta e Rúa Baja”.



A judiaria de Tarazona é uma das mais bem sinalizadas do norte de Espanha, embora os edifícios que agora definem as suas ruas não sejam os dos seus moradores originais. Na aljama de Tarazona, no século XIII, viviam cerca de 235 pessoas, organizadas com o seu conselho de notáveis e os seus próprios regulamentos.

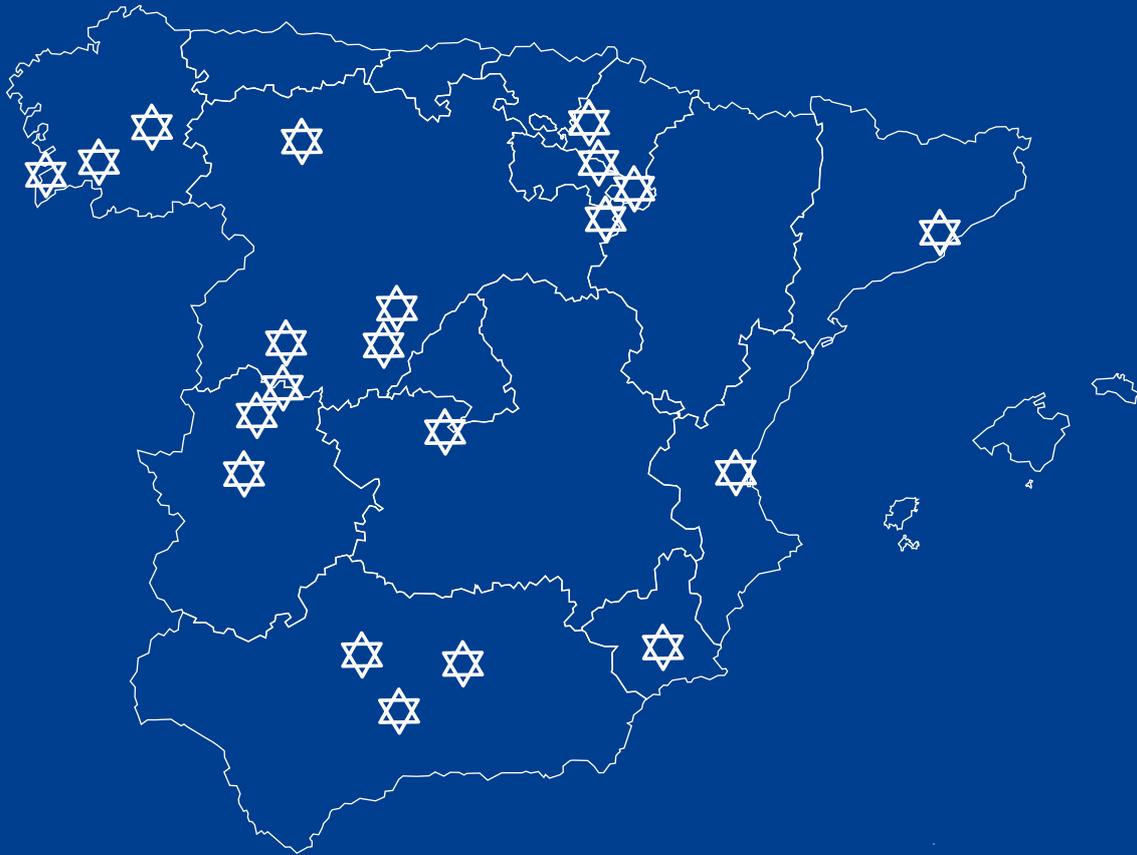
“A judiaria velha de Tarazona estende-se entre as atuais ruas de Los Aires, Judería (onde se encontram as casas suspensas), Rúa Alta e Rúa Baja”. Embora não se conservem edifícios anteriores ao século XIV, sabe-se que os construtores deviam deixar quatro côvados (quase dois metros) de separação entre as casas para evitar bisbilhotices e garantir a luz natural.

Além disso, a entrada para as habitações realizava-se através de pátios interiores comuns, como o da casa dos convertidos Casanate, reconstruída em 1371 e destinada ao culto e o estudo. No seu interior sobrevivem alguns capitéis em forma de Menorá e a sua única nave está orientada para Jerusalém.

O aumento da população e a procura de soluções para as condições de insalubridade dos curtumes levaram a que os judeus de Tarazona se mudassem para uma aljama nova a partir do século XV. Para visitá-la, é preciso descer ao rio e percorrer o espaço entre o Arco de Santa Ana e a Praça de Nuestra Señora.

Partimos a caminho de Sória enquanto pensamos que Sefarad é um conceito romântico, como todos aqueles que se formulam no passado, idealizado num contexto histórico que teve os seus bons e maus momentos. Quatro judiarias visitadas, algumas delas apenas imaginadas, como essa terra de promessa que não existiu, mas que deixou a sua marca cultural em Espanha.





ÁVILA . BARCELONA . BÉJAR . CÁCERES . CALAHORRA . CÓRDOBA .
ESTELLA-LIZARRA . HERVÁS . JAÉN . LEÓN . LORCA . LUCENA . MONFORTE
DE LEMOS . PLASENCIA . RIBADAVIA . SAGUNTO . SEGOVIA . TARAZONA .
TOLEDO . TUDELA . TUI



CAMINHOS DE
SEFARAD
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

redjuderias.org
descubresefarad.com
descubridores@redjuderias.org

